

ENREDO

“Corpo Seco – A Terra Que Não o Quis”

No silêncio das matas, no sussurro do vento que atravessa o sertão, ecoa uma lenda antiga. Uma história que não nasceu dos livros, mas da tradição oral, do medo compartilhado à beira do fogão a lenha, sob a luz trêmula da lamparina. É a história do Corpo Seco — a alma que nem a terra quis guardar.

Dizem que, em vida, foi homem de coração árido. Seco por dentro. Não conhecia compaixão, não cultivava afeto, não respeitava laços. Feriu quem o amou, ignorou a dor do próximo e fez da maldade seu próprio alimento. Como solo castigado pela estiagem, sua alma rachou.

Mas a terra é testemunha de tudo.

Ao fim de sua jornada, quando o corpo tombou e o espírito buscou destino, veio o julgamento invisível. Não houve clarão de céu a lhe acolher. Não houve abismo que o reclamasse. E quando tentaram devolvê-lo ao chão, a própria terra — ferida por seus atos — recusou-se a recebê-lo.

O solo se abriu... e o expulsou.

Negado pelo alto, rejeitado pelo profundo, repudiado pelo chão. Restou-lhe vagar. Tornou-se o Corpo Seco: figura errante, ressequida como galho morto, condenado a perambular entre a vida e a morte. Não pertence ao mundo dos vivos, tampouco encontra repouso entre os mortos.

Sua imagem atravessou gerações como advertência. Nas matas fechadas, no interior distante, seu nome é sussurrado como ensinamento. Ele não é apenas assombração — é metáfora. Representa a consequência da indiferença, da ganância, do rompimento com a natureza e com o semelhante.

O Corpo Seco é a alma que perdeu a capacidade de florescer.

Mas toda lenda carrega um espelho.

Se a terra rejeita, também ensina. O mesmo solo que seca pode, sob a chuva certa, voltar a germinar. A mesma alma que endurece pode ser tocada pela consciência. Porque a aridez não é destino — é escolha.

Nosso desfile percorre essa travessia: da sombra à reflexão. Do medo à transformação. Da seca ao florescer.

Ao transformar a avenida em chão simbólico, lembramos que cada gesto é semente. Cada palavra é raiz. Cada atitude molda o terreno onde pisamos. Quem cultiva espinhos não pode esperar colher jardins. Mas aquele que aprende com a própria queda pode reencontrar o caminho da luz.

Hoje, o Guandu ergue seu pavilhão como terra fértil de esperança. E proclama em samba e tambor:

Que o mal não encontre morada em nossos corações.

Que a consciência seja chuva.

Que o amor seja raiz profunda.

Porque a maior lição da lenda ecoa eterna:

A terra pode rejeitar o ódio.

Mas sempre floresce para quem aprende a amar.